

**Inácio de Loyola,
nunca só**

Do catálogo da EDITORIAL AO:

Autobiografia de Santo Inácio de Loiola (2ª ed.)

Exercícios Espirituais

Santo Inácio de Loiola

Em tudo Amar e Servir – *Vida de Santo Inácio de Loiola* (2ª ed.)

Dário Pedroso, S.J.

Inácio de Loiola – *Aventura de um Cristão*

Ignacio Tellechea Idígoras

José María Rodríguez Olaizola

**Inácio de Loiola,
nunca só**



EDITORIAL A.O.

Título original

Ignacio de Loyola, nunca solo

© San Pablo

ISBN 978-84-285-3505-2

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Na Capa:

Santo Inácio de Loiola

Escultura de João Sarmiento, s.j.

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

454133/19

ISBN

978-972-39-0863-3

Abril de 2019

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440

www.redmundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Carta-apresentação

Querido Josemari:

Não sei quem será mais atrevido, se tu ao escreveres hoje uma biografia de Inácio de Loiola, ou eu ao apresentá-la. Sem dúvida, tu. Com gosto, acrescento o meu atrevimento ao teu.

Confesso-te que, quando me enviaste o primeiro rascunho deste livro, a minha primeira reação foi: «Mas onde é que se foi meter este rapaz?». E, de imediato, me fui metendo eu também. Até ao fim. Foste tu que me meteste, a tua maneira de narrar. O que contavas, mais pormenor, menos pormenor, já eu o sabia. Porém, a novidade deste livro não é a erudição, mas a arte de contar a história, recriando-a, filmando-a contigo dentro, como se fosse hoje mesmo.

Provaste-me, desse modo, que a história é inesgotável, se nos metermos dentro dela e a recriarmos. Entendeste muito bem o que queria Inácio de Loiola dizer com as palavras «como se presente me achasse» (*Exercícios Espirituais*, 114). A que tu contas não é a história de Pedro de Ribadeneira ou a de Diego Laínez, que estiveram fisicamente presentes em muitas coisas, nem ainda a de García Villoslada hoje, nem a de Dalmases, ou a de André Ravier ou a de Tellechea... E, curiosamente, não excluí nenhuma, nem estorva nenhuma.

É, simplesmente, tua. E isto torna-a autêntica logo a partir do título, que é o ponto de vista escolhido por ti para contem-

plar Inácio. Efetivamente, Inácio nunca viveu só. Nem quando sonhava com outros mundos, nem, muito menos, quando Deus o abriu ao seu.

E, uma vez que foi sonhada ou vivida por ti, ou as duas coisas juntas, agrada-me que confesses que esta história te fez bem. Como te voltará a fazer bem se um dia, por exemplo quando tiveres 80 anos, a reescreveres, porque assim to pede o corpo, pois nesses anos continuarás a conhecer a Inácio.

E outra conclusão a que me conduziste: Inácio de Loiola é de hoje, precisamente lendo-o a partir do momento presente. Anda pelas nossas ruas, nos nossos meios de comunicação social, na nossa Igreja, na nossa política, na nossa arte, na nossa ciência, no nosso desporto... É tudo, menos um santo para um nicho e umas velas. Entendemo-lo melhor trazendo-o para o nosso mundo, como tu o fazes.

Resumindo, ensinaste-me muitas coisas acerca de alguém que eu julgava conhecer. A tua não é uma biografia científica. Também não foi isso que te foi pedido. Mas, contando a história de ontem e de um outro, como se fosse de hoje e tua, saiu-te uma história verdadeira. Parabéns!

*Ignacio Iglesias, S.J.*¹

¹ Ignacio Iglesias (1925-2009) foi um sacerdote jesuíta muito conhecido pelos seus dotes de orientador espiritual, sendo considerado como um profundo conhecedor da espiritualidade inaciana. Ocupou diversos cargos de governo na sua Ordem, tanto em Espanha, como em Roma, onde foi durante vários anos um dos colaboradores mais diretos do P. Pedro Arrupe, Superior Geral da Companhia de Jesus no período que se seguiu ao Concílio Vaticano II [*Nota do tradutor*].

Prólogo

Um novo livro sobre Inácio de Loiola? Outro retrato? Mas não está já tudo dito acerca do fundador dos jesuítas? Um outro apertar do parafuso, insistente e repetitivo, quanto às andanças do «peregrino»? A enésima releitura das cismas do autor dos *Exercícios Espirituais* no confuso e apaixonante séc. XVI? Tenho de admitir que estas, e outras perguntas do mesmo cariz, se converteram numa muralha sólida que parece erger-se na terra diante de mim ao pensar em realizar esta tarefa. «Para quê?», sussurra-me, sensato e lúcido, o meu eu mais pragmático. «Sugere outro nome, outro autor, algum especialista que o escreva», aconselha-me, certo, o meu senso comum. «Atira-te a isso», diz-me, estouvado, o meu eu mais impulsivo, aquele que, por vezes, me conduz na direção mais acertada e outras me precipita de cabeça no abismo. «Discerne», diz-me, bem-intencionado, o meu eu mais jesuítico, mesmo sabendo que não devo abusar desses termos. E assim me encontro, reflexivo e hesitante, especulando acerca da conveniência ou inconveniência de me entregar a uma nova aproximação a Inácio.

Se estás a ler estas páginas, é sinal de que me lancei ao desafio, e talvez a este prólogo se siga um livro, de melhor ou pior qualidade (terás tu de o julgar), sobre Santo Inácio de Loiola. Por agora, partilha comigo as reticências, as abundantes objeções que me estafam só de pensar em escrevê-lo.

A questão principal é esta: Não está já tudo dito? A partir de todas as perspetivas e pontos de vista imagináveis, a vida, a obra e o pensamento de Inácio foram objeto de inúmeros estudos. A partir do louvor fervoroso e do ódio febril. A partir da sua autobiografia e do período imediato das décadas posteriores à sua morte até estes inícios do séc. XXI, que continuam a assistir a aproximações ao peregrino de Loiola. Uma e outra vez se dirigiu o olhar para a sua figura a partir das inquietações de diversas épocas (incluindo perspetivas tão peculiares como a análise da sua liderança para executivos agressivos dos nossos tempos). Há sisudos estudos históricos, ensaios acerca da sua psicologia, teses sem conta que aprofundam a relação de Inácio com a sua época, congressos para estudar os seus escritos, monografias sobre aspetos da sua personalidade e da sua obra, artigos de prestigiados pensadores que analisam pormenorizadamente o significado do peregrino. E se se trata de sintetizar tudo isto numa obra sugestiva que permita que nos aproximemos com fluidez e profundidade à pessoa, julgo que essa síntese, abundante e literária, foi feita por Ignacio Tellechea, sob o título *Ignacio de Loyola, solo y a pie* [Inácio de Loiola, só e a pé], com tal sensibilidade e rigor, em iguais doses, que continuará a ser durante as próximas décadas uma obra de referência.

Diante de uma tal abundância documental, há que colocar, com honestidade, a pergunta: para quê (ou como) voltar à figura histórica de Inácio? Não se trata agora evidentemente de fazer um trabalho enciclopédico de erudição inaciana, dedicando árduos esforços a reler «tudo» o que foi escrito e a selecionar parágrafos numa ordem que pretenda ser original. Ou se é um verdadeiro sábio – não é o caso –, ou corre-se o perigo de acabar por se fazer um impecável trabalho de cortar e colar,

em que o mais digno seria a bibliografia consultada (e, consequentemente, recomendada). Não posso também pretender uma abordagem muito especializada. Isto por duas razões. Em primeiro lugar, não julgo ser especialista de nenhuma das áreas que permitiriam uma tal perspetiva (história, psicologia, filologia, espiritualidade inaciana...). Em segundo lugar, um esboço biográfico – é disso que aqui se trata – tem de evitar a excessiva ênfase numa dimensão, se quiser contribuir para uma aproximação compreensiva à pessoa apresentada.

Até aqui tudo me conduz, irrevogavelmente, ao «não». Solucionaria a dificuldade com uma amável carta à editora, sugerindo alguns nomes alternativos, tendo como resultado a tranquilidade de não ter de enfrentar este desafio. No entanto, há também motivos para o procurar fazer.

Como qualquer jesuíta, sinto-me evidentemente herdeiro de Inácio de Loiola, e julgo que ele continua a ser hoje significativo para o nosso mundo. Não sou um apologeta do santo, de quem valorizo muitas coisas, embora possa também criticar algumas outras. De facto, ir-me afeiçoando a ele foi um processo gradual e comedido, e conheço gente que manifesta por Inácio uma devoção muito mais filial e emotiva do que aquela que eu posso expressar. Honestamente, sou daqueles que, no noviciado, se sentia muito comovido por conhecer uma figura como São Francisco de Assis, livre, radical, pobre e simples; ou São Francisco Xavier, apaixonado, missionário, afetivo e incansável. Pelo contrário, não me emocionava tanto imaginar Santo Inácio a redigir cartas e constituições a partir do seu quarto no centro de Roma, por mais que o mestre de noviços procurasse fazer-me descobrir a profundidade do homem por detrás da informação. Foi só durante os meus anos de formação como jesuíta que fui descobrindo um personagem

complexo, carismático, por vezes sugestivo, outras exasperante, mas, em todo o caso, fascinante. Um homem cuja história é toda uma escola. Uma figura que é interessante pelo que transmite, que supera em muito a sua vida. É um homem que tem hoje uma surpreendente atualidade.

Seduz-me, então, a ideia de apresentar Inácio a partir de um olhar contemporâneo. Parece-me ser possível procurar desfaldar a sua vida a partir da sensibilidade de alguém que se interroga acerca de que maneira a figura deste santo pode iluminar as vidas de quem se aproxima dele. Procurar apresentar Inácio às pessoas de hoje é um desafio; a pessoas inquietas, desejosas de partilhar um tempo com este peregrino, cujos passos ressoam ainda nos caminhos de meio mundo, nos passos de tantos homens e mulheres herdeiros da sua espiritualidade, isto é, da sua forma de descobrir a Deus e o seu projeto aqui e agora. É, sempre, um personagem que remete para o Deus para quem toda a sua vida está orientada. É um personagem que nos ensina uma forma inquieta e fecunda de estar no mundo de hoje.

Decido, desta forma, atirar-me a esta tarefa. Abre-se diante de mim um caminho complexo, ao mesmo tempo emocionante e aterrador. Há tantas possibilidades de não chegar a bom porto que me encomendo ao próprio Inácio antes de mergulhar neste mar. E, se algum dia, estas páginas, em forma de livro, chegarem às tuas mãos, lê-as então com benevolência, sabendo que querem ser apenas um meio para que te aproximes do peregrino (e, com ele, de Deus neste mundo).

Índice

<i>Carta-apresentação</i>	5
<i>Prólogo</i>	7
1 – A ferida	11
O filho mais novo da casa de Loiola	12
O caminho eclesiástico	14
O caminho cortesão	15
O caminho militar	19
2 – O «melhor» santo do mundo	27
A cura	30
A convalescença	33
Os primeiros passos	43
Surge o peregrino. Montserrat	48
O santo, o dedo, a Lua e Deus	52
3 – Quando Deus fala	55
A vida em Manresa	59
A noite escura de Íñigo	62
Há que deixar que Deus faça	67
Como um mestre-escola trata uma criança	69
Visões e outras raridades. Quando fala o místico	74
De novo em marcha	77
4 – Peregrino	81
Preparativos	82
A caminho	87

Roma	92
Veneza	97
Últimos passos	100
Jerusalém	102
5 – Incertezas hispânicas	107
Retroceder caminho	109
Barcelona. Latins, companheiros e penitências... ..	114
Alcalá de Henares. Tempo de suspeitas	121
Salamanca	128
A vontade de Deus, a minha vontade, a liberdade e outras circunstâncias	137
6 – Paris, estudos e companheiros	141
Vida de estudante	144
Procura companheiros	151
«Amigos no Senhor». A amizade e suas profundezas ...	156
Montmartre. O fim de uma etapa	166
7 – Tempo de espera viva	175
Regresso a casa. Azpeitia	177
De novo a caminho	186
Veneza. Um ano só. Os Exercícios Espirituais	190
Reencontro veneziano	196
Hospitais. Quando se tocam as chagas deste mundo ..	200
Sacerdotes e apóstolos	205
8 – A Companhia de Jesus	213
Até Roma	215
Roma	219
E agora, o quê? Deliberações romanas	224
Inácio, Geral da Companhia de Jesus	231
Servir ou não servir. Eis a questão	236

Índice

9 – A partir de um aposento romano	241
Pondo-se em marcha	243
Anos de crescimento. Entre grandes mudanças e pequenas histórias	252
As saudades da outra vida	261
Na brecha até ao fim	264
O fim da peregrinação	271
 <i>Epílogo agradecido. Quinhentos anos depois... ..</i>	 279
 <i>Índice</i>	 285